

# 1. Uma interpretação "materialista" da emancipação das mulheres

A seguinte reflexão parte da informação que consta de várias longas entrevistas de uma autora, Vera Nikolski (VN), a diversos media sérios nas quais VN sintetiza a sua análise, a propósito da publicação do seu livro "*Féminicène*" (referência em baixo), a que ainda não tive acesso. A tese da autora desdobra-se em dois tempos: a análise do movimento histórico de emancipação das mulheres no Ocidente, acompanhado pelos movimentos feministas e as perspectivas da condição feminina na eventualidade de uma crise ecológica, económica, tecnológica e industrial, profunda e prolongada. VN começa por identificar a principal lacuna dos movimentos feministas, que sofrem, na sua opinião, de uma uma visão *idealista* que vê no "progresso das ideias de libertação das mulheres", na reivindicação de igualdade de direitos ente os sexos e nas lutas em que as feministas se envolveram, a *principal causa* dos reais avanços da condição feminina no Ocidente, antes de se alargarem ao resto do mundo. A autora contesta que os direitos das mulheres e a sua emancipação tenham sido o *efeito* das lutas feministas, sem negar qu estas tenham contribuído. As lutas feministas nunca tiveram nem dimensão nem intensidade comparáveis às das lutas dos trabalhadores que literalmente arrancaram ao sistema capitalista conquistas tão importantes como a limitação do número de horas trabalhadas por dia ou por semana, as condições salariais, a instituição das férias pagas, dos sistemas de pensões de reforma e de segurança social. Os milhares de mortos operários, que marcam a história dos movimentos operários dos séculos dezanove e vinte largamente o comprovam. Com horários de trabalho de 12 a 16 horas por dia (antes da I Guerra Mundial) o operariado das indústrias só viria a impor as 8 horas por dia / 40 horas por semana ,em França em 1936. Lutas extremamente difíceis, greves gerais por vezes insurreccionais, manifestações monstro, recurso à violência quando necessária ou inevitável (onde também participaram minoritárias mas presentes, as operárias),. Os milhares de mortos e feridos que pontuaram o século XIX e a primeira metade do século XX europeus e norte-americanos, não têm equivalentes nos movimentos reivindicativos especificamente feministas, que foram quase sempre lutas de baixa intensidade. Não foram, para VN, nem a pressão das lutas nem o contágio das ideias (igualdade de direitos, etc.), que conduziram à extraordinária mudança na condição feminina no decorrer de menos de um século. Foram sim, *causas materiais* que concernem à mudança da condição material da vida das mulheres, ocorrida no âmbito da mudança social global provocada pela revolução industrial, a qual tornou primeiro possível e logo necessária a emancipação das mulheres em relação ao quadro social, privado e público, que as encerrava num sistema de constrangimentos de que apenas se costuma, diz VN, mencionar os aspectos ideológicos: as ideologias que afirmavam a pretensa incapacidade feminina para desempenhar certos ofícios, funções, ou para realizar certas actividades criativas, etc. Todo esse aparelho ideológico justificativo de um estado de coisas cuja razão de ser não era ideológica, mas sim estrutural porque alicerçado num certo estado das relações sociais de produção e reprodução, veio a desmoronar-se rapidamente e afinal bastante facilmente, em pouco mais de meio-século, precisamente porque a realidade que se pretendia justificar tinha mudado de maneira radical.



Família operária alemã, 1900. Fonte: Hérodote.net

E quais eram, segundo VN, os elementos marcantes dessa condição feminina de "antigo regime"? Em primeiro lugar, o ônus biológico da reprodução suportado pelo sexo feminino: gravidez, parto, amamentação, um regime demográfico em que a mortalidade infantil atinge níveis hoje inimagináveis para os Ocidentais: de 300/00 a 400/00. Os registos dão, em Portugal, números mais próximos de 300/00, mas admite-se que os registos todas inadiáveis por tocarem directamente à sobrevivência familiar - que recaía sobre as mulheres. (continua) das mortes de recém-nascidos (peri-natal) e de crianças muito pequenas (infantil  $\leq 1$  ano e juvenil  $> 1 \leq 5$  anos) tenham omitido uma grande percentagem (impossível de quantificar com precisão), de óbitos. O resultado desse regime é a necessidade para as famílias de produzir um número elevado de filhos para garantirem uma descendência, sabendo que, na ausência de segurança social e regimes de reformas, apenas os filhos podiam garantir assistência aos seus pais na velhice. As mulheres suportavam portanto um desgaste biológico considerável, quando tinham que dar à luz sete ou oito ou mais filhos para que sobrevivessem dois ou três. Um pré-requisito da emancipação das mulheres foi portanto a diminuição drástica da mortalidade infantil que só ocorre na Europa no último quartel do século XIX e em Portugal apenas perto já da segunda metade do século XX. Ao custo biológico da reprodução, somava-se para as mulheres o essencial dos cuidados familiares às crianças e aos adultos. Alimentação, higiene, roupas, devem ter representado para as mulheres dias de trabalho de mais de 16 horas. Porque o conjunto das tarefas que constituem esses cuidados, desde a amamentação dos recém-nascidos à elaboração dos alimentos para todos, desenvolvia-se num ambiente de extrema precariedade. Pense-se na ausência de água corrente, de sanitários, de esgotos, de meios de transporte. A água potável tinha que ser transportada manualmente desde as fontes aos domicílios, as roupas eram lavadas em sítios distantes (o tanque comunal, a ribeira) e as mulheres tinham nessas tarefas o papel essencial. Nesse regime demográfico, as mulheres estavam muito menos disponíveis para o mercado do trabalho assalariado nomeadamente industrial, porque estavam já em sobrecarga no interior da vida familiar. A sua ausência da vida pública, a quase inexistência do seu acesso à educação, têm uma causa material no peso excessivo das tarefas domésticas - todas inadiáveis por tocarem directamente à sobrevivência familiar - que recaíam sobre as mulheres. (continua).

(Vera Nikolski, *Féminicène*, Paris, Fayard, 2023)

Entrevistas

RTS (TV Suiça Românica, 35 minutos))

<https://www.rts.ch/audio-podcast/2023/audio/entretien-avec-vera-nikolski-autrice-de-feminicene-aux-editions-fayard-26149445.html>

France Culture (43 minutos)

<https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/signes-des-temps/feminisme-et-ecologie-une-histoire-alternative-entretien-avec-l-essayiste-vera-nikolski-8571500>

Elucid (1h e 30 minutos)

<https://elucid.media/societe/la-realite-oubliee-derriere-l-emanicipation-des-femmes-vera-nikolski/>